

OS SIGNIFICADOS DA DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO EM ALTERNÂNCIA - A PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DAS ESCOLAS FAMILIA AGRÍCOLA

SILVA, Lourdes Helena da - UFV

GT: Educação Fundamental /n.13

Agência Financiadora: FAPEMIG

INTRODUÇÃO

As Escolas Família Agrícola (EFAs) são experiências inovadoras de formação em alternância para jovens do meio rural que, apesar de não serem recentes em nossa sociedade, carecem de reflexões e avaliações que possibilitem compreender melhor a natureza e as características do projeto político-pedagógico e das atividades educativas desenvolvidas em seu âmbito (Silva, 2003). Nesse contexto, o presente estudo buscou apreender a heterogeneidade destas experiências educativas em Minas Gerais e dos processos históricos que lhe deram origem, de forma a compreender a natureza simbólica das práticas educativas que ocorrem em seu interior. Esse objetivo traduziu-se, mais especificamente, na identificação e análise das representações sociais que orientam as práticas educativas dos monitores¹ das EFAs e que, compartilhadas, concorrem para a construção da identidade deste profissional da educação.

As noções de alternância, prática educativa e representações sociais constituíram, assim, as referências teóricas basilares do estudo. Como uma formação que se sustenta em uma amplitude de contatos sociais (Silva, 2000), a alternância corresponde assim à maneira pela qual se orienta, atualmente, o estudo da prática educativa, numa perspectiva psicossociológica. Não se limitando apenas às relações sociais que ocorrem no interior da sala de aula, a noção de prática educativa enfoca também as relações que ocorrem no campo mais vasto, como a relação dos diferentes parceiros do processo educativo quanto ao saber e à cultura (Postic, 1998). A opção pela teoria das representações sociais (Moscovici, 1961) como instrumental conceitual de análise das relações entre os parceiros, justifica-se pelo fato de que, além de se encontrarem no centro das relações sociais, elas são orientadoras de condutas. Nesta

¹ Monitor é a denominação dada aos docentes das Escolas Família Agrícola.

perspectiva, as representações sociais apresentam uma pertinência e operacionalidade tanto para apreender as concepções dos monitores sobre suas práticas educativas, quanto para uma articulação dessas concepções no desvelamento da identidade deste profissional da educação.

Como uma pesquisa descritiva que buscou explorar os aspectos simbólicos da prática educativa, relacionando subjetividade e contexto social mais amplo, a perspectiva metodológica adotada foi fundamentada nos pressupostos teóricos da abordagem qualitativa. Os procedimentos de coleta e análise das informações, orientados pelos princípios da técnica de Triangulação de Dados (Trivinos,1987), envolveram a utilização de fontes documentais, a aplicação de entrevistas à 36 monitores de 06 EFAs, além dos procedimentos de Análise de Conteúdo (Bardin,1977).

A análise do conjunto das representações nos possibilitou apreender, na diversidade dos seus elementos, algumas unidades que, articuladas, orientam as compreensões dos monitores sobre os sentidos atribuídos à formação em alternância, à escola e aos diferentes papéis que os seus diferentes atores assumem nessa dinâmica educativa. No presente pôster, buscamos apresentar as representações dos monitores que, relacionadas à dinâmica de uma escolarização que se realiza na sucessão de períodos no meio escolar e no meio familiar, favorecem tanto a configuração de novas práticas educativas nas escolas de alternância, quanto investem os seus profissionais de novas funções e novas responsabilidades no processo de ensino e aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

A vivência dos alunos no sistema de internato e/ou semi-internato, constitui uma das características compartilhadas pelas EFA's que colabora significativamente para fundamentar tanto a emergência de novas representações sobre os papéis desempenhados pelos monitores e alunos na dinâmica da alternância, quanto para favorecer a emergência de novas práticas educativas. Enquanto um princípio original da Pedagogia da Alternância, a vivência em internato durante a semana em que o aluno fica no meio escolar tem como pressuposto que a vida tem o valor de educação, de reflexão, de formação (Roullier, 1980). Assim, a ruptura, o distanciamento do meio de vida constitui uma estratégia educativa para propiciar aos jovens uma melhor percepção e, conseqüentemente, uma reflexão sobre a sua realidade, estimulando uma nova visão do contexto familiar, da propriedade e das questões cotidianas presentes na sua realidade sócio-econômica, que passam assim a constituir objetos da formação. Além

disto, aprendizagem da vida em grupo, possibilitada pelo sistema de internato, constitui um elemento de valoração das experiências de alternância pelos monitores, que consideram a descoberta pelo aluno das regras elementares de convivência e o desempenho das diversas tarefas exigidas na manutenção do internato como situações educativas que favorecem o desenvolvimento da responsabilidade do jovem. Como são atividades e tarefas realizadas em equipes, elas favorecem também o estabelecimento de um clima de trabalho e de solidariedade entre os participantes da dinâmica escolar. Nesse sentido, essas tarefas executadas, assim como as vivências em sala de aula, os momentos das refeições, dos jogos, das atividades de lazer e recreação são considerados situações que contribuem para favorecer momentos e modalidades diferentes de encontros e interações dos alunos entre si e dos alunos com os monitores. São situações que estimulam, assim, o diálogo, um clima de amizade e confiança, ampliando as relações entre monitores e alunos e contribuindo para a criação de um ambiente educativo favorável no cotidiano escolar das experiências de alternância. Na organização e condução dessa dinâmica educativa inerente ao sistema de internato cabe destacar a importância e a natureza do papel polivalente desempenhado pelos monitores, especialmente sua atuação no acompanhamento dos alunos durante o período de sua permanência no meio escolar.

Essa responsabilidade de orientação e acompanhamento dos alunos nas vivências em grupo, que implica uma atuação em diversos planos e várias funções, constitui um dos traços essenciais que, na representação dos entrevistados, fundamenta a identidade do monitor da Escola Família, diferenciando seu papel em relação ao professor tradicional. Numa perspectiva geral, sobretudo nas interações decorrentes do cotidiano do internato, a figura do monitor é percebida pelas suas aptidões de acompanhamento e de disponibilidade de relações pessoais com os alunos. E aqui cabe destacar que nas EFA's analisadas, observa-se a existência de um ambiente educativo extremamente positivo, em que as interações ocorrem em um clima de amizade, alegria e descontração. As atividades de grupo, as experiências extra-sala de aula, a convivência intensa constituem, inegavelmente, fatores facilitadores de uma maior interação entre monitores e alunos que estimulam a construção de relações educativas mais afetivas e pessoais. É desse contexto relacional, marcado pelo afeto, confiança e amizade, que emergem as representações do papel do monitor como sendo de acompanhamento e de orientação, associando este papel à imagem de pai, amigo, irmão mais velho. Estas imagens de monitor-pai e monitor-amigo, revelam, em comum, traços

de uma afetividade orientando as relações educativas no meio escolar, sobretudo nas interações ocorridas extra-classe.

Na perspectiva de uma atuação pedagógica, especificamente no espaço da sala de aula, as representações construídas pelos monitores ancoram-se numa lógica que ressalta o papel de orientação/acompanhamento dos alunos no processo de aprendizagem. Todavia, o sentido atribuído à essa orientação emerge sob diferentes perspectivas, revelando posturas pedagógicas também diferenciadas: de posturas mais tradicionais à posturas mais dialógicas. Enquanto as posturas tradicionais revelam uma concepção de monitor como sendo o elemento central no processo de transmissão do conhecimento, favorecendo, assim, uma associação mais direta do monitor com a imagem do professor tradicional; as posturas mais dialógicas revelam uma concepção do monitor como sendo o mediador, o facilitador do processo ensino-aprendizagem, favorecendo assim uma associação da imagem do monitor à de um educador.

Nesta perspectiva, que enfoca o papel do monitor como educador, é possível identificar a presença de concepções em que o monitor se representa como orientador auxiliar no processo de sistematização e produção de conhecimentos. Na construção dessa auto-representação, eles afirmam que a distinção entre monitor e professor é mais complexa que apenas uma questão de terminologia. Tendo como referência o princípio proposto pela pedagogia da alternância, de que é a vida quem ensina, os monitores destacam que, na dinâmica de formação baseada na sucessão de períodos no meio familiar e no meio escolar, o papel do professor deixa de existir para ceder lugar à idéia de monitor, como sendo o responsável pela organização e articulação das atividades e conteúdos decorrentes das vivências e aprendizados dos alunos nos dois meios da formação. Nesse sentido, a verdadeira competência do monitor não seria resultante apenas de uma soma de saberes acadêmicos ou de especializações técnicas, mas, sobretudo, de uma postura na mediação pedagógica e de uma polivalência sobre planos e atividades diversas.

Todavia, essas concepções do monitor como mediador, facilitador do processo ensino-aprendizagem, ainda coexistem com aquelas representações que, a despeito de suas especificidades, associam o papel do monitor à figura do professor tradicional, e cuja ênfase é colocada na responsabilidade do profissional no processo de transmissão dos conteúdos escolares, sejam eles de natureza teórica ou prática. São representações que explicitam uma tendência ainda presente nas experiências de alternância: a centralidade do monitor no processo de transmissão do conhecimento e a superioridade

do seu saber frente aos conhecimentos dos outros atores envolvidos no processo da formação. Assim, apesar da representação da alternância como uma pedagogia da troca de conhecimentos, a maioria dos monitores ainda não concebe a necessidade de integração, no processo de formação dos jovens, do saber acumulado nas vivências das famílias dos agricultores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito das contradições, limites e especificidades das representações analisadas, os profissionais que atuam nas experiências de formação em alternância têm buscado, nos seus diferentes contextos e sob diferentes finalidades, implementar uma pedagogia adaptada e específica à formação dos jovens que vivem e trabalham no meio rural. Em suas representações, eles revelam o desejo e o compromisso de construção de uma escola e uma educação específica e diferenciada que, enraizada na cultura do campo, contemple no processo de formação os valores, as concepções e os modos de vida dos grupos sociais que vivem no meio rural. Concebem a escola e a educação como instrumentos tanto de auxílio à permanência e resistência dos jovens agricultores na terra e no campo, quanto de melhoria das suas condições de vida e de trabalho. Revelam, assim, o ideal de uma atuação pedagógica também diferenciada: uma atuação que possa efetivamente contribuir para a formação humana emancipadora e criativa, orientada por princípios de justiça e solidariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, I. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF, 1977.

MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF, 1961.

ROUILLIER, R. *Formation d'Adolescents et Alternance*. Paris: Messonance, Éditions UNMFREO, 1980.

SILVA, L. H. *A Relação Escola-Família no Universo das Experiências Brasileiras de Formação em Alternância*. Tese de Doutorado, São Paulo/SP: PUC, 2000.

_____. *As Experiências de Formação de Jovens do Campo: Alternância ou Alternâncias?* Viçosa: Editora UFV, 2003.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ESQUEMA DO PÔSTER

